

DERRISÃO: UM CASO DE HETEROGENEIDADE DISSIMULADA

Por Roberto Leiser BARONAS* (UNEMAT/UFMT)

Juro! Deixe ver os olhos, Capitu.

Tinha-me lembrado a definição que José Dias dera deles, “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”. Eu não sabia o que era oblíqua, mas dissimulada sabia, e que queria ver se se podiam chamar assim. Capitu deixou-se fitar e examinar. Só me perguntava o que era, se nunca os vira; eu achei extraordinário; a cor e a doçura eram minhas conhecidas. A demora da contemplação creio que lhe dera outra idéia do meu intento; imaginou que era um pretexto para mira-los mais de perto, com meus olhos longos, constantes, enfiados neles, e a isto atribuo que entrassem a ficar crescidos, crescidos e sombrios, com tal expressão que... Retórica dos namorados, dá-me uma comparação exata e poética para dizer o que foram aqueles olhos de Capitu. Não me acode imagem capaz de dizer, sem quebra da dignidade do estilo, o que eles foram e me fizeram. Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá idéia daquela feição nova. Traziam não sei que de fluido misterioso e energético,

* Roberto Leiser Baronas é professor de Lingüística e Língua Portuguesa na Universidade do Estado de Mato Grosso e Professor Visitante no Mestrado em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso. Suas pesquisas atuais são direcionadas para a compreensão do fenômeno do uso que a mídia faz da derrisão em diversos gêneros discursivos (fotografias; charges; uso do sic; anedotário político; caricaturas; piadas). É autor em conjunto com Maria do Rosário Gregolin do livro *Análise do Discurso: as materialidades do sentido*, (Claraluz Editora, 2001). Publicou recentemente o livro *Identidade cultural e linguagem* (Pontes/ Unemat,2005). Participou como um dos tradutores e coordenador da equipe de tradução do *Dicionário de Análise do Discurso* (Contexto, 2004) de Patrick Charaudeau & Dominique Maingueneau.

uma força me arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. (Machado de Assis em Dom Casmurro).

RESUMO: A presença do Outro – psicanalítico ou discursivo - no discurso do “eu” é uma tese largamente aceita nos estudos lingüísticos que procuram compreender o funcionamento discursivo da linguagem. Segundo Authier-Revuz, é possível distinguir duas formas de presença da Alteridade no discurso: a heterogeneidade constitutiva e a heterogeneidade mostrada. A primeira, embora inacessível a partir de marcas visíveis no fio do discurso, aponta para a presença constitutiva de um discurso primeiro no discurso segundo. Já na segunda, a Alteridade pode ser evidenciada na materialidade lingüística a partir de determinados índices lingüísticos (discurso citado, auto-correções, palavras entre aspas, etc). Nosso objetivo neste texto é compreender um pouco mais acuradamente como se dá a presença do Outro num gênero particular de discurso que é a derrisão. É possível pensar a presença da Alteridade no discurso independentemente do gênero discursivo? Em outros termos, qual relação entre gênero discursivo e a presença constitutiva da Alteridade? Como hipótese de trabalho postulamos que o gênero discursivo interfere na presença do Outro. Com efeito, a partir da análise discursiva de derrisão, é possível postular a existência de uma heterogeneidade dissimulada que se apresenta distinta tanto da constitutiva quanto da mostrada marcada e não-marcada.

PALAVRAS-CHAVE: derrisão, discurso, heterogeneidade e interpretação.

DERISION: A CASE OF DISSIMULATED HETEROGENEITY

ABSTRACT: The presence of the Other – psychoanalytic or discursive – in the discourse of “Self” is a thesis largely accepted in the linguistic studies which seek for understanding the discursive functioning of language. According to Authier-Revuz, it is possible to distinguish two forms of presence of the Otherness (Alterity) in the discourse: the constitutive heterogeneity and the manifest heterogeneity. The first one, though inaccessible drawing upon visible marks in the thread of discourse, points to the constitutive presence of a primary discourse in a secondary discourse. In the second one, the Alterity can be shown in the linguistic

materiality drawing upon specific linguistic indexes (quoted discourse, self-corrections, words with quotation marks etc). Our aim in this text is to understand more accurately how the presence of the Other evolves out in the discourse independently from the discursive genre? Is it possible to think about the presence of the Alterity in the discourse independently from the discursive genre? In other words, what is the relation between discursive genre and the constitutive presence of the Alterity? As a working hypothesis, we postulate that the discursive genre interferes in the presence of the Other. Indeed, drawing upon a discursive analysis of derision it is possible to postulate the existence of a dissimulated heterogeneity that is as much different from the constitutive heterogeneity as from the manifest heterogeneity marked or unmarked.

KEYWORDS: Derision, discourse, heterogeneity and interpretation.

1) Heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada: marcada e não-marcada

Jacqueline Authier-Revuz (1982, 2004)¹ fundamenta sua tese de uma heterogeneidade constitutiva da linguagem e de uma heterogeneidade mostrada na linguagem primeiramente a partir da concepção dialógica da linguagem formulada por Bakhtin/Volochinov (1929) para quem o discurso dialoga constitutivamente com um discurso outro e também com o receptor do eu/discurso. A autora busca subsídios teóricos também na releitura de Freud feita por Lacan, procurando mostrar como a Psicanálise questiona a unicidade significante de uma concepção homogeneizadora da discursividade. Entendendo o sujeito como efeito de linguagem, Authier-Revuz busca as formas de constituição desse sujeito não no interior de um discurso homogêneo, mas na diversidade de um discurso heterogêneo que se constitui no resultado de um sujeito dividido tensivamente entre o consciente e o inconsciente.

Jacqueline Authier evidencia que o discurso não é somente determinado pelo interdiscurso (ideologia), mas também e permanentemente atravessado pelo inconsciente. “Esta concepção do

1 A tese da heterogeneidade enunciativa foi desenvolvida por Jacqueline Authier-Revuz em *Hétéroénéité montrée et hétéroénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours* (DRLAV 26, 1982), publicação brasileira *Entre a transparência e a opacidade*, Porto Alegre, Edipucs, 2004.

discurso atravessado pelo inconsciente se articula àquela do sujeito que não é uma entidade homogênea exterior à linguagem, mas o resultado de uma estrutura complexa, efeito de linguagem: sujeito descentrado, dividido, clivado”. Dito de outra forma, embora acredite ser a fonte e origem de seu discurso, o sujeito não diz, ele é dito pela linguagem.

No entender de Authier-Revuz, o sujeito impossibilitado de fugir da heterogeneidade constitutiva da linguagem, explícita por meio de marcas da heterogeneidade mostrada a presença do outro na seqüência discursiva, para, em última instância, expressar seu desejo de dominância, sua ilusão de unidade discursiva. Dito de outra forma, para a autora existe uma negociação entre a heterogeneidade constitutiva da linguagem e a heterogeneidade mostrada na linguagem em que o sujeito, movido pela ilusão de ser o centro, de ser a fonte do discurso, por um processo em que nega seu comportamento recalcado em seu inconsciente, localiza o outro e delimita o seu lugar para demarcar o próprio território. Desse modo, no esforço de encobrir o outro em um dos discursos, opera-se um retorno à segurança, um reforço do domínio do sujeito na busca pela autonomia do discurso.

Na ilusão constitutiva de produzir um efeito de coerência em nosso texto, com base no arcabouço teórico descritivo de Authier-Revuz examinemos a charge a seguir. Essa charge de autoria de Aroeira, cujo título é *Assim é, se lhe parece...* foi extraída do jornal “O Globo” e foi



veiculada no dia 16 de outubro de 1997. Trata-se de um texto que ironiza a exigência do pedido de desculpas, feito pelo então presidente do Brasil Fernando Henrique Cardoso quando da vinda do então presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton pelo fato deste último afirmar que a “corrupção seria endêmica na política brasileira”.

Podemos perceber que o texto chágico acima foi construído a partir de um outro discurso: a exigência do governo brasileiro de um pedido de desculpas por parte do governo americano. Há aqui o que Maingueneau (2005: 33) identifica como o primado do interdiscurso, “que amarra, numa relação inextrincável, o Mesmo do discurso e seu Outro”. Contudo, esse Outro não é recuperável no fio do discurso, pois se trata de um exemplo de heterogeneidade mostrada e não-marcada. Ou seja, o locutor por meio dessa forma não marcada de heterogeneidade – o discurso irônico – faz emergir um Outro, e esse Outro é que fica responsável pelo que foi dito. Assim, de forma paradoxal anula o que enuncia no próprio ato de enunciar, sem, contudo utilizar-se de um operador explícito de negação do dizer. Em outros termos, o locutor da enunciação irônica produz um enunciado que possui a um só tempo dois valores contraditórios: pedir desculpas pelas críticas à corrupção endêmica e ao mesmo tempo criticar pela corrupção endêmica. No entanto, embora o locutor enuncie a partir de espaços discursivos contraditórios não é submetido às sanções que tal contradição deveria acarretar.

No entendimento de Authier-Revuz tanto a ironia quanto as outras formas de heterogeneidade mostrada e não-marcada “representam pelo continuum, a incerteza que caracteriza a referência ao outro, uma outra forma de negociação com a heterogeneidade constitutiva: uma forma mais arriscada, por que joga com a diluição do outro no um, onde este pode ser confirmado, mas também interdito”.

2) Gêneros do discurso e derrisão

Conforme vimos anteriormente Jacqueline Authier-Revuz constrói um arcabouço teórico descritivo bastante original a partir do qual foi possível pensar “para a concepção de sujeito, de linguagem, de sentido e da relação estabelecida entre essas posições, a idéia de não homogeneidade, de não-um, de alteridade constitutiva, de heterogeneidade constitutiva de relação não separável um-outro” (Brait, 2001: 8). Contudo,

à luz do conceito bakhtiniano de gênero do discurso seria possível (re)pensar em outras formas de heterogeneidade que não somente as descritas por Revuz. E, também, em que medida poder-se-ia postular, com base em análises discursivas de um gênero particular de discurso, a derrisão, uma relação entre gênero do discurso e o Outro constitutivo? Começemos examinando o que Bakhtin concebe como texto, mesmo sabendo que o filósofo russo não tenha desenvolvido toda uma teoria do texto. Para Bakhtin (1992: 340-1), o texto

é a expressão de uma consciência que reflete algo. Quando o texto torna-se objeto de cognição, podemos falar do reflexo de um reflexo. A compreensão de um texto é precisamente o reflexo exato do reflexo. Através do outro, chega-se ao objeto refletido... A ação física do homem deve ser compreendida como um ato ; ora, o ato não pode ser compreendido fora do signo virtual (reconstruído por nós) que o expressa (motivações, finalidades, estímulos, níveis de consciência)... Quando estudamos o homem, buscamos e encontramos o signo em toda parte e devemos tentar compreender sua significação.

Para Bakhtin o que faz com que um enunciado – ‘unidade real da comunicação verbal, cuja fronteira é a troca de interlocutores’- se constitua em um conjunto coerente de signos são os gêneros discursivos e a entoação. Os primeiros são compreendidos pelo filósofo russo como tipos relativamente estáveis de enunciados, elaborados a partir de uma espécie de memória discursiva, um *contrainte* interdiscursivo que funciona, de certa forma, como um “modelo”, delimitando o que pode e deve ser dito numa determinada situação, e constituídos por três elementos (conteúdo temático, estilo verbal e construção composicional), ‘fundidos indissolavelmente no enunciado (...) e, marcados pela especificidade da esfera da comunicação’. E a segunda como ‘um dos recursos expressivos [que o locutor utiliza] para expressar a relação emotivo-valorativa com o objeto do seu discurso’, uma vez que não existe palavra em uso na comunicação verbal que não carregue marcas dos juízos de valor inoculados ao longo da sua história.

A concepção bakhtiniana de gênero, no entanto, difere da noção aristotélica de gênero, pois, enquanto para Aristóteles, o gênero funciona como uma tipologização rígida, homogênea, estável e definitiva, para Bakhtin, o gênero é relativamente estável, não-definitivo, flexível e constitutivamente heterogêneo. A esse respeito deixemos o próprio Bakhtin (1992: 281) enunciar

Importa levar em consideração a diferença essencial existente entre o gênero de discurso primário (simples) e o gênero de discurso secundário (complexo). Os gêneros secundários do discurso – o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc - aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita... Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies... Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios.

Podemos depreender, dessa última citação, que para Bakhtin não existe gênero puro, pois a sua constituição se dá justamente a partir da interação, do diálogo de outros gêneros. Noutras palavras, os gêneros do discurso são o resultado do entrelaçamento dialógico das diversas filigranas que o constituem e que, por sua vez, também se entrelaçarão e constituirão o tecido do texto. O texto então pode ser visto como uma espécie de ninho, constituído por diversos ramos/gêneros discursivos.

Talvez um dos mais antigos recursos enunciativos, advindos da época clássica, e ainda bastante utilizado atualmente, principalmente em atividades que utilizam o discurso político como forma de desqualificação do oponente seja a zombaria. Essa técnica de oratória é conhecida pelos retóricos clássicos como *tropos zombeteiro*, meios lingüísticos, cuja finalidade é justamente diminuir o adversário, suscitando o riso num

determinado auditório. Mais modernamente, o *tropos zombeteiro*, despido de seu caráter psicologizante, foi reelaborado, passando a ser concebido pelos teóricos do discurso como derrisão²: uma estratégia argumentativa que não se reduz ao riso. Trata-se de uma “associação do humor e da agressão que a caracteriza e a distingue, em princípio da pura injúria”, (Bonnafeuf, 2002: 45), isto é, uma espécie de “amabilidade verbal” violenta que por produzir o riso foge de sanções negativas da legislação e, principalmente da opinião pública.

Na verdade, mais do que uma estratégia enunciativa, a derrisão pode ser concebida como um gênero textual, cuja temática centra-se em questionar por meio da sátira a ordem estabelecida e/ou os valores largamente cristalizados em nossa sociedade. Tal questionamento tem como alvo preferido as mais diferentes autoridades sociais e se impõe a ler sob diferentes facetas: nas charges; nas caricaturas; nos pastiches; nas piadas; nos jogos de palavras etc. Para Arnaud Mercier (2001: 10), a derrisão se apresenta como um jogo e também:

como quem não quer nada e se transforma pela magia do verbo escolhido, numa forma socialmente aceitável de exprimir sua agressividade contra outrem. Com efeito, ‘o humor permite dizer ou sugerir idéias desagradáveis, sem ter que temer reações violentas, nem represálias’. Ou mesmo ao contrário, ‘se a ‘vítima’ da zombaria não achar graça, se ela recusa captar a gozação ou reconhecer as regras do jogo, será acusada de não ter senso de humor’. (Arnaud Mercier, 2001: 10)³

2 No final de 2001, a revista francesa *Hermès*, ligada ao CNRS, dedicou um número inteiro – 29 – com o objetivo de melhor compreender o funcionamento discursivo desse tipo de manifestação lingüística nos mais diversos suportes textuais.

3 No original: comme un air de ne pas y toucher et se transforme, par la magie du verbe choisi, en une forme socialement acceptable d’exprimer son agressivité envers autrui. En effet, ‘l’humour permet de dire ou de suggérer des idées désagréables, sans avoir à redouter ni réactions violentes ni représailles’. C’est même de la contraire, ‘si la ‘victime’ de la plaisanterie ne rit pas, si elle refuse de captar le signe, de reconnaître les règles du jeu, elle sera accusée de ne pas avoir le sens de l’humour. (Arnaud Mercier, 2001: 10)

3) Derrisão como heterogeneidade dissimulada

A derrisão diferentemente da ironia que se apresenta “subvertendo a fronteira entre o que é assumido e o que não é pelo locutor” (Maingueneau, 1993: 98) mostra um locutor assumindo na materialidade lingüística o que diz com o objetivo de desqualificar o destinatário. Assim, enquanto locutor da ironia coloca em cena um enunciador, cuja alocação não pode assumir explicitamente, deixando essa responsabilidade para o seu destinatário, o locutor da derrisão assume o que diz, contudo os efeitos do seu dizer são atenuados ora pelo efeito de escárnio que provoca, ora pela mobilização de um discurso Outro já legitimado na sociedade. Ou seja, a derrisão joga ora com o humor do destinatário, ora com uma espécie de pré-construído socialmente aceito pelo destinatário. Tanto no primeiro quanto no segundo caso, a derrisão terá sempre implícita ou explicitamente um valor metadiscursivo, isto é, um uso e um comentário sutil sobre esse uso.

Nos últimos meses diante de algumas declarações do presidente Luís Inácio Lula da Silva, a revista de atualidades de maior circulação nacional, a *Veja*, publicou um artigo falando sobre o risco da involução, no qual alerta seus leitores para o perigo que obscurantismo oficial traria a cultura brasileira, inserindo junto a esse artigo um texto verbo-visual. Nesse texto, é possível perceber, sob um pano de fundo em forma de caderno espiral, um primata segurando uma bandeira vermelha na qual é possível ler o enunciado *A marcha da inc(S)ensatez*, figurativizando a partir dessa imagem, o retrocesso cultural que o atual governo viria promovendo.



O texto verbo-visual acima, publicado em 26 de janeiro passado, se constitui num exemplo do que estamos chamando de derrisão, pelo fato de esse texto trazer consigo uma dimensão de contestação, de procurar colocar em causa uma ordem estabelecida. Entretanto, esse questionamento da ordem estabelecida é feito por meio de uma violência simbólica, que, por mobilizar um saber legitimado na sociedade – os que escrevem errado não são competentes - se apresenta como uma forma socialmente aceitável de agressividade, portanto não passível de sanção negativa.

Sobre o discurso primeiro⁴, supostamente produzido por “eu” não detentor de um saber ortográfico, *A marcha da incensatez*, sutilmente, o discurso segundo, o do Outro⁵, detentor do saber ortográfico, vem se marcar na textualidade, *A marcha da insensatez*. Esse discurso segundo, contudo, carrega consigo toda a força da tradição gramatical, procurando identificar os destinatários com uma formação discursiva que não faz distinção entre língua e sistema ortográfico, produzindo como um de seus efeitos de sentido a desqualificação do discurso primeiro, justamente pelo fato de esse discurso não se enquadrar dentro das regras do sistema ortográfico do português.

Fica evidenciado na materialidade lingüística um diálogo maximamente⁶ polêmico entre o suposto discurso do “eu” e o discurso do Outro. Ao “rasurar” o discurso primeiro corrigindo-o, o discurso segundo além de marcar a sua inscrição num espaço discursivo distinto daquele em que o discurso primeiro se inscreve, o desautoriza. A “rasura” nesse caso tem um valor claramente metadiscursivo, isto é, o enunciador divide o seu enunciado em dois sublinhando para o destinatário por meio da “rasura” que o enunciado primeiro está errado, portanto precisa de correção. Há um uso e uma menção sutil sobre esse uso, justamente pelo fato de o enunciador não se identificar com o uso. A menção funciona como uma espécie discordância com o uso. A desautorização do discurso

4 Tal como Maingueneau (2005: 37) entendemos “esse termo como o discurso que se constituiu através dos outros. Quando falamos de ‘discurso primeiro’ no singular, é para simplificar: na realidade, pode tratar-se de um plural”.

5 Trabalhamos aqui com o conceito de Outro discursivo e não com o de Outro psicanalítico como faz Authier-Revuz.

6 Como “bons ladrões de palavras” derivamos diálogo maximamente polêmico de Zoppi-Fontana (1997) quando a autora ao analisar o discurso político alfonsista o conceitua como maximamente inclusivo.

primeiro é reiterada com o texto imagético que também se inscreve num espaço discursivo polêmico em relação à Teoria da Evolução de Charles Darwin, mostrando o seu avesso, ou seja, a involução.

Com base num raciocínio falacioso de que escrever de acordo a norma ortográfica de uma língua é sinônimo de inteligência, no entanto, socialmente aceito, o texto verbo-visual constrói o *pathos* de seus oponentes como indivíduos que estariam regredindo na escala evolutiva do homem. Ou seja, a revista utiliza um pretenso erro ortográfico para dizer que seu oponente possui uma inteligência similar a dos primatas. Tal raciocínio, embora veiculado e cotidianamente alimentado pela mídia, povoa o imaginário lingüístico da grande maioria da população brasileira a qual considera qualquer manifestação lingüística que esteja fora do que é concebido pelas gramáticas e dicionários como correta como algo feio, deturpado, deficiente, não-língua e, principalmente como sinônimo de atraso mental.

Acredito que esse tipo de gesto de interpretação⁷ possa ser compreendido como uma forma de heterogeneidade dissimulada. Trata-se de uma heterogeneidade dissimulada, pois o discurso primeiro se constitui a partir de uma *interincompreensão* regrada pelo discurso segundo (Maingueneau, 2005: 22), ou seja, o sujeito introduz o Outro “em seu fechamento, traduzindo seus enunciados nas categorias do Mesmo e, assim sua relação com esse Outro se dá sempre sob a forma de ‘simulacro’⁸ que dele constrói”.

Em *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929), Bakhtin/Volochinov conceitua o discurso relatado como um “enunciado no interior de um enunciado e ao mesmo tempo um enunciado sobre um enunciado”. No caso específico da heterogeneidade dissimulada, é possível evidenciar a existência de um enunciado sobre o simulacro de um enunciado. Simulacro esse que é construído a partir de uma “não compreensão” dos enunciados do Outro. Em outros termos, a heterogeneidade dissimulada constrói o seu Outro a partir de um interdiscurso. Contudo, um interdiscurso, embora presente enquanto possibilidade na memória do dizível, pertencente a um

7 Entendemos gesto de interpretação tal qual Orlandi (1993) um gesto no nível do simbólico.

8 Trabalhamos aqui diferentemente de Maingueneau, pois mobilizamos o conceito de simulacro de Deleuze (1993) que o conceitua como uma cópia imperfeita da cópia.

exterior discursivo, se apresenta caricaturado. Esse interdiscurso caricaturado é enunciado justamente para ser interdito. Ele precisa ser corrigido, pois se inscreve num espaço discursivo do dizível socialmente inaceitável.

À guisa de conclusão, assevero que o texto chágico e o texto derrisório constroem seus Outros constitutivos não apenas a partir de restrições semânticas que autorizam aquilo que pode e deve ser dito numa formação discursiva ou num espaço discursivo, mas também a partir das restrições do gênero, ou seja, conteúdo temático, estilo verbal e estrutura composicional também condicionam a maneira como o Outro será trazido para se relacionar com o Mesmo. No caso do texto chágico, o Outro será trazido implicitamente, atribuindo ao destinatário a responsabilidade pela sua recuperação. Embora seja um texto construído a partir de uma dupla perspectiva enunciativa, o discurso primeiro não sofre nenhum tipo de comentário, isto é, não há um retorno do “eu” sobre o seu próprio dizer. Já o texto derrisório, apesar de se constituir também como uma enunciação dividida, trará seu Outro explicitamente, evidenciando para o seu destinatário por meio de uma menção sutil a natureza incongruente do discurso primeiro, ou seja, o “eu” retorna sobre seu próprio dizer para dialogar tensivamente com ele.

Referências Bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, J. *Hétérogenéité montréalaise et hétérogenéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours* (DRLAV 26, 1982). Edição brasileira: *Entre a transparência e a opacidade*, Porto Alegre: Edipucs, 2004.

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV) (1929/1997). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira, 8 ed., São Paulo, Hucitec, 1997.

BAKHTIN, Mikail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.

BONNAFOUS, S. Sobre o bom uso da derrisão em Jean-Marie Le Pen. In GREGOLIN, M. R. V. *Mídia e discurso: a cultura do espetáculo*. São Carlos, SP: Claraluz Editora, 2003.

BRAIT, B. *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*. Campinas, SP: Pontes, São Paulo: Fapesp, 2001.

DELEUZE, Gilles. *Logique du sens*. Paris: Minuit, 1993.

- FONTANA, M. G. Z. *Cidadãos modernos: discurso e representação política*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.
- JORNAL O GLOBO, 16 de outubro de 1997.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em Análise do discurso*. Trad. Freda Indursky. 2 ed., Campinas, SP: Pontes: Editora da Unicamp, 1993.
- MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. Curitiba, PR: Criar Edições, 2005.
- MERCIER, A. Pouvoirs de la dérision, dérision des pouvoirs. (*Introduction*) In: Hermès-Revue. *Dérision – contestation*, n° 29, CNRS, Éditions, 2001.
- ORLANDI, E. P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- REVISTA VEJA, 26 de janeiro de 2005.